

Thamires Cristina da Silveira



ARTE E LOUCURA, POSSÍVEIS ENCONTROS:

**ENSINO DE ARTES VISUAIS DENTRO DO CAPS-I CENTRO DE ATENÇÃO
PSICOSSOCIAL SÁ BIQUINHA OLIVEIRA-MG**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Thamires Cristina da Silveira

ARTE E LOUCURA, POSSÍVEIS ENCONTROS:

**ENSINO DE ARTES VISUAIS DENTRO DO CAPS-I CENTRO DE ATENÇÃO
PSICOSSOCIAL SÁ BIQUINHA OLIVEIRA-MG**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Antônia Dolores Belico
Soares de Alvarenga

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Silveira, Thamires Cristina da, 1990-

Arte e Loucura, Possíveis Encontros: Ensino de Artes Visuais Dentro do CAPS-I Centro de Atenção Psicossocial Sá Biquinha Oliveira - MG: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Thamires Cristina da Silveira. – 2015.

43 f.

Orientadora Antônia Dolores Belico Soares de Alvarenga

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Alvarenga, Antônia Dolores Belico Soares. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Arte e Loucura, Possíveis Encontros: Ensino de Artes Visuais*
Dentro do CAPS-I Centro de Atenção Psicossocial Sá Biquinha Oliveira-MG, de autoria
de Thamires Cristina da Silveira, aprovada pela banca examinadora constituída pelos
seguintes professores:

Antônia Dolores Belico Soares de Alvarenga - Orientadora

Geraldo Freire Loyola – Membro da Banca

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015
Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada. A minha família, que sustentou este sonho comigo, incentivando e apoiando. A todos os amigos pela força e compreensão. A todos os professores do curso, que foram tão importantes na nossa vida acadêmica. A professora orientadora Antônia Dolores Belico pelas orientações que tornaram possível a realização dessa monografia. Aos professores da Banca Avaliadora, agradeço a disponibilidade e atenção.

RESUMO

Esta pesquisa se refere a um levantamento bibliográfico acerca da trajetória do Ensino de Artes Visuais no Brasil, quanto ao seu percurso histórico, e o relato de uma intervenção de Ensino de Artes Visuais no contexto de uma oficina de bordado alocada no CAPS-I – Centro de Atenção Psicossocial Sá Biquinha no município de Oliveira Minas Gérias. A Arte Educação no Brasil passou por diversas transformações e foi fortemente influenciada pelos modelos norte americanos. Levando-se em consideração também, questões de ordem política e movimentos artísticos referentes a cada época. Atualmente, o Ensino de Artes Visuais vem ganhando maior espaço de consolidação e empoderamento quanto a um conteúdo essencial no currículo formal. E, por conseguinte tem sido validada no cotidiano das práticas de ensino como uma área do conhecimento que transpõe o espaço das salas de aula, atingindo novos públicos. Sob essa ótica da busca de novos campos de Ensino de Artes Visuais, é que se pode propor uma intervenção dentro de um dispositivo de saúde mental. A partir do movimento da Reforma Psiquiátrica, houve um avanço no sentido de garantia de direitos e de reconhecimento de cidadania aos chamados loucos. Nesse contexto, o Ensino de Artes Visuais trilha um caminho de invenção de metodologias para ensinar a Arte fora do ensino formal, culminando em uma nova abordagem e aplicabilidade para a função social a que se propõe. Desta forma, concluiu-se que os campos de atuação do Arte Educador são cada vez mais extensos e requerendo do profissional um exercício de constante de estudo, de planejamento e de conhecimento. Por derradeiro, o Ensino de Artes Visuais se mostra uma ferramenta útil e possível de acolher a qualquer público inclusive a dita loucura.

Palavras-chave: Arte Educação. Ensino de Artes Visuais. História da loucura. Discursos. Arte. Oficinas de Ensino de Artes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Manto do Reconhecimento.....	18
FIGURA 2 - Foto do Bispo com o Manto do Reconhecimento	18
FIGURA 3 - Estandarte bordado	26
FIGURA 4 - Detalhes/bordado.....	26
FIGURA 5 - Estandarte Arthur Bispo do Rosário.....	27
FIGURA 6 - Estandarte Arthur Bispo do Rosário	28
FIGURA 7 - Estandarte Arthur Bispo do Rosário.....	28
FIGURA 8 - Estandarte Arthur Bispo do Rosário/ detalhes do bordado	29
FIGURA 9 - Estandarte Arthur Bispo do Rosário/detalhes do bordado	29
FIGURA 10 - Desenho produzido da oficina.....	32
FIGURA 11 - Desenho em Produção	33
FIGURA 12 - Apresentação de imagens	34
FIGURA 13 - Produção de barco com palitos de picolé	35
FIGURA 14 - Produção de Barco com palitos de picolé	35
FIGURA 15 - Barco	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 RECORTES: TRILHAS DA LOUCURA CAMINHOS DO ENSINO DE ARTE	11
1.1 Recorte histórico do Ensino de Artes no Brasil	11
1.2 Desenho como meio e Artes das Fibras	14
1.3 Arthur Bispo do Rosário uma Poética Singular	16
2 ARTE E LOUCURA: SEUS ENCONTROS, UMA PROPOSTA DE ENSINO DE ARTES VISUAIS	20
2.1 Passos da Loucura: Trajetória Para a Reforma Psiquiátrica	20
2.2 Novos dispositivos de Saúde Mental Pós-reforma Psiquiátrica	22
2.3 CAPS-I – Centro de Atenção Psicossocial Sá Biquinha Oliveira Minas Gerais	24
2.4 Oficina de Bordado	24
2.5 Oficina de Bordado Uma Intervenção de Produção de Estandarte Tendo Como Estímulo a Obra de Arthur Bispo do Rosário	25
3 AMARRAÇÕES E COSTURAS FINAIS/ RELATO SOBRE UMA EXPERIÊNCIA VIVÊNCIAL SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO DE ARTES VISUAIS	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39
REFERÊNCIAS CONSULTADAS	41

INTRODUÇÃO

A Arte enquanto manifestação artística do ser humano e fruição estética se apresentam no mundo desde os primórdios da humanidade, e vem contando a história da sensibilidade dos mais diversos povos e culturas. Demonstrando a capacidade do ser, de reproduzir o que se pensa, utilizando-se dos mais diversos recursos e dispositivos de construção de um novo objeto de Arte.

*A arte não tem pensa:
O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo
Isto seja:
Deus deu a forma. Os artistas desformam.
É preciso desformar o mundo:
Tirar da natureza as naturalidades.
(BARROS, 2004, p.75).*

O pensar sobre o fazer artístico e as possibilidades de ensinar Arte e ensinar sobre Arte é um caminho de desafios que começou a ser trilhado no Brasil desde o período colonialista. É necessário destacar que nesta época o acesso a Arte era restrito ao público nobre e aos que eram considerados escolhidos a se entregarem ao monopólio católico cristão vigente na época. A acessibilidade a este tipo de ensino e a forma de se pensar a Arte como um campo de conhecimento, começa a ganhar maior força no período republicano, iniciando um movimento de organização da educação no Brasil como um todo. Este novo momento possibilitou uma estruturação do Ensino formal, e concomitante se iniciaram pequenos movimentos pelo país no campo do Ensino informal de Arte.

O presente trabalho se propôs a apresentar o relato de uma prática de Ensino de Artes Visuais que se estabeleceu fora do contexto do Ensino Formal, sendo realizada dentro do dispositivo de saúde mental CAPS- Centro de Atenção Psicossocial Sá Biquinha localizado em Oliveira-MG.

Para que se delimitasse o público alvo desta prática, buscou-se apresentar breve trajetória sobre a loucura e os novos serviços substitutivos advindos da perspectiva da Reforma Psiquiátrica que tem como uma de suas diretrizes a humanização do tratamento dado a pessoas manifestam algum transtorno psíquico. Nessa perspectiva, apontou-se a Arte como uma “possibilidade” de ensino, sendo ela vinculada a oficinas de produção artística.

A loucura, durante anos, foi colocada em um lugar de exclusão e segregação. A Arte pode ser manifestada enquanto uma vontade de produção do ser humano. Essa produção

espontânea, ou transmitida através do Ensino de Artes Visuais por meio de oficinas de Arte nos diversos serviços substitutivos, pode emoldurar a forma de existir desses sujeitos que a elegem como via de expressão. Desta forma, as oficinas de Arte se apresentam como um campo possível de intervenção e de Ensino de Artes Visuais, bem como conseqüentemente demarca a inserção do Arte-educador nos ambientes mais diversos que se apresentam na contemporaneidade.

Desta forma, o trabalho se organizou em três capítulos, o capítulo 1 teve um caráter descritivo acerca da evolução Ensino de Artes Visuais no Brasil, apresentando também o Desenho como meio, as Artes das Fibras e a poética singular de Arthur Bispo do Rosário, artista que esteve internado por cinquenta anos na colônia Juliano Moreira antigo hospital psiquiátrico do Rio de Janeiro. Em seguida, no capítulo 2, também em caráter descritivo, foi traçada a História da Loucura no Brasil e as evoluções históricas que levaram a Reforma Psiquiátrica Brasileira, ocasionando a criação dos Serviços Substitutivos e a gradativa extinção dos manicômios. Explicitou-se o campo onde a intervenção foi realizada, bem como também se demonstrou na forma de planos de aula a metodologia de condução da proposta de intervenção de Ensino de Artes Visuais. Por fim, no último capítulo foram apresentadas as reflexões tecidas a cerca dos resultados observáveis sobre a experiência desta prática de ensino. É importante ressaltar que esta pesquisa não buscou abordar a Arte como Arte terapia, e sim considerou o contexto da saúde mental como um campo possível de atuação do Arte-educador fora do ensino formal e das diversas metodologias que podem ser aplicadas na prática de Ensino de Artes Visuais, podendo ser trabalhadas com os mais variados públicos.

1 RECORTES: TRILHAS DA LOUCURA CAMINHOS DO ENSINO DE ARTE

1.1 Recorte histórico do Ensino de Artes no Brasil

Para compreendermos o momento contemporâneo do Ensino da Arte no Brasil, se faz necessário um breve recorte histórico sobre os caminhos que este Ensino teve que percorrer até se consolidar como área de conhecimento.

No Brasil colonial o Ensino Formal é marcado pelo monopólio católico cristão, e pela disseminação do conhecimento, intrinsecamente, permeado por conteúdo da fé. Entremedio ao conteúdo de evangelização eram inseridos estudos literários, retóricos e as artes liberais. Desta forma, o conhecimento era restringido a camadas específicas da sociedade. Porém, ainda assim, as manifestações artísticas circulavam enquanto formas de expressão, no cotidiano de pequenos grupos como em oficinas de artesãos, em quilombos e comunidades indígenas, Gouthier (2008).

O monopólio católico cristão sobre a produção e disseminação de conhecimento nesta época, estabeleceu um limiar social sob o processo educacional. Sendo assim, consolidou de forma clara a seleção tanto do que se ensinava, como de quem aprendia e como aprendia. Ainda assim, no que se refere à expressão cultural da Arte, grupos de artistas e artesãos seguiam produzindo sua Arte se manifestando das mais diversas formas.

Conforme Gouthier (2008), com a chegada de Dom João VI ao Brasil, o barroco sofre forte influência de uma concepção permeada pelo neoclassicismo. Posteriormente, em março de 1816, Joachin Lebreton junto a um grupo de artistas chega ao Brasil para fundar a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios que objetivava o ensino de fazeres mecânicos e artísticos. Esta instituição era nomeada como Academia Imperial de Belas-Artes e desenvolvia conteúdos voltados para a formação artística.

Tomado por ares republicanos, o Brasil no que tange a educação, passa por um período de organização e construção de novos modelos. O ensino de Artes sob a influência deste movimento também foi remodelado como aponta Gouthier (2008).

A organização do ensino de arte no nível superior antecedeu sua organização nos níveis primário e secundário, mas no início do século XX havia uma grande preocupação com o ensino da Arte – que até então se resumia ao ensino do Desenho. Nas escolas primárias e secundárias, o movimento nesse sentido tem suas raízes antes mesmo da Proclamação da República, e sua defesa era baseada no desenho como linguagem técnica e da ciência. (GOUTHIER, 2008, p.34).

O teor de obrigatoriedade da implantação da disciplina de Arte nas escolas primária e secundária no Brasil de acordo com Gouthier (2008) teve fortes influências das ideias de Rui Barbosa alocadas em seu projeto de reforma do ensino primário e secundário.

Nos anos 20 no Brasil, a educação começa a passar por transformações importantes, podendo ser observadas em maior incidência nos estados da Bahia, Distrito Federal e Minas Gerais. Uma dessas mudanças se deu na formação do currículo escolar nas instituições públicas. Nestas instituições a visão de disciplina passou a tomar um caráter de instrumentos com determinadas finalidades, sendo o objetivo fundante a habilitação do sujeito não só no aspecto educacional, mas no caráter social. “Currículos e programas, segundo o texto da reforma, eram concebidos como instrumentos para desenvolver a criança as habilidades de observar, pensar, julgar, criar, decidir e agir.” Gouthier (2008,p.35).

A influência de perspectivas do grande mundo, ou seja, do mundo estrangeiro era perceptivelmente notada, porém, ainda em 1920 começa a surgir uma preocupação com as prerrogativas nacionais neste cenário. Como Gouthier (2008) vem nos lembrar, grande marco desse movimento de aculturação da Arte foi a Semana de Arte Moderna, que além da rica oportunidade de apresentação de novos artistas e novos conceitos, proporcionou a fruição de ideias e artigos como de Mário de Andrade e Anita Malfatti que deram uma perspectiva ao Ensino de Artes no Brasil.

Na sequência, Mário de Andrade, em seu curso na Universidade do Distrito Federal, investe no aprofundamento do estudo da arte da criança, que pela primeira vez é discutida na academia. As reformas educacionais desencadeadas pelo Movimento da Escola Nova no ensino elementar e secundário reforçam a ideia da arte como expressão de outras disciplinas e o desenho como reflexão visual. (BARBOSA 2002 apud GOUTHIER 2008, p.36).

Após forte recuo da educação no Brasil, mas especificamente no período da ditadura de Vargas, o Ensino de Arte começa a tomar novos rumos. Surgem então, as escolinhas de Arte ao final dos anos 40 e se disseminam pelo território nacional. Onde como nos assinala Gouthier (2008,p.38) “o ensino da arte é pautado na livre-expressão, como um rumo alternativo na busca de uma identidade ainda desconhecida.”.

Os caminhos que decorreram, sofreram forte influência americana, com o intuito de capacitar os professores da área, criou-se o Programa de Assistência Brasileiro-Americana à Educação Elementar – PABAE. Este movimento foi de extrema importância, como aponta Gouthier em sequência.

A nova especialização visava, de certo modo, a aumentar o controle sobre o processo de elaborar e implementar currículos, de modo, aumentar o controle sobre o processo de elaborar e implementar currículos, de modo a harmonizá-los com os contextos socioeconômico e político do país. Desejava-se um currículo que contribuísse para a coesão social, que formasse o cidadão de um mundo em mudança e que atendessem às necessidades da ordem industrial. (GOUTHIER 2008, p.39).

Neste sentido o Ensino de Arte nessa época foi altamente influenciado pelo Desenho Técnico Industrial, que teve grande ênfase nos currículos escolares, sendo o interesse em capacitar mão de obra para ocupar cargos de trabalho.

Conforme Gouthier (2008), a Arte e seu ensino passa a ser reconhecida enquanto campo de conhecimento após LDBN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que consolida inserção do Ensino de Arte como componente obrigatório nos currículos educacionais Brasileiros. Ao apontar esse marco na história do Ensino de Arte a autora ressalta as palavras de Pimentel:

Essa mudança não foi apenas nominal, mas de toda estruturação que envolve o tratamento de uma área de conhecimento. De atividades esporádicas de cunho mais próprio de relaxamento e recreação, passa-se ao compromisso de construir conhecimento em Arte (PIMENTEL apud GOUTHIER 2008, p. 41-42.).

Concomitante as diversas transformações ocorridas no decorrer da história do ensino da Arte no Brasil, até chegar ao referido reconhecimento da Arte como uma área de conhecimento. Pode-se ser destacada a organização metodológica, ou melhor, dizendo a concepção de ensino criada por Ana Mae Barbosa a qual nomeou de Abordagem Triangular conforme Gouthier salienta. “A princípio proposta como metodologia, foi questionada como tal pela própria autora, defendendo que as “metodologias são construções dos próprios professores em sala de aula””. (GOUTHIER, 2008, p.42)

Desta forma, Ana Mae Barbosa precursora da triangulação no Ensino de Arte, passa a despertar também o pensar sobre a prática de Ensino de Arte dentro das salas de aula, ampliando a perspectiva dos conteúdos programáticos. Esse novo paradigma impulsionou o que podemos chamar de proposta de ensino contemporânea, que perpassa pela sala de aula e se amplia buscando novos contextos de ensino e aprendizagem. É desses novos espaços de Ensino de Arte dos quais se pretende tratar nesta pesquisa.

1.2 Desenho como meio e Artes das Fibras

Com o intuito de investigarmos o que é concebido enquanto Desenho no mundo contemporâneo e suas relações com as Artes da Fibra, faz-se o exercício de compreendermos o Desenho como meio, ou seja, a ideia do Desenho como artifício base para a construção de outro objeto plástico.

O Desenho no que concerne à palavra, se transpõe ao universo das Artes. Ele pode ser uma forma de construir uma imagem sobre o que pensamos, vivemos ou imaginamos. Conforme o texto *O Desenho ou a Vontade do Seguinte* de Coelho (2008) o ato de desenhar está presente em nosso cotidiano das mais variadas formas.

É tudo. Ou quase tudo. Qualquer coisa – linha, traço, rabisco, garatuja, mancha, borrão, pincelada, corte, recorte, dobra, ponto, retícula, signos linguísticos e matemáticos, fórmulas científicas, logotipos, assinaturas, datas, dedicatórias, cartas, costura, bordado, rasgaduras, colagens, decalques, esfregaduras, carimbos (MORAES apud COELHO 2008, p.51).

Coelho (2008) vai apresentar o Desenho trazendo duas definições norteadoras, o desenho como meio e o Desenho como um fim em si. Sendo assim, vai dizer o desenho como meio é parte de uma construção de uma projeção a ser realizada, sendo desta forma, interesse aos artistas plásticos, arquitetos, biólogos, coreógrafos, cineastas, engenheiros etc. A característica de multifaces do Desenho como meio acarreta em certa dificuldade no que diz respeito a sua definição. Em contraponto, o Desenho como um fim, se delimita enquanto uma categoria das Artes Visuais, que proporciona ao artista várias possibilidades de experimentações de fruções estéticas diversas e que é ele próprio, o Desenho a obra final. As diversas formas de desenhar são igualmente correspondentes às múltiplas possibilidades de expressão do mundo interno e externo.

No mundo contemporâneo o monopólio do Desenho a lápis ou tinta é modificado pela inserção das mais diversas formas de apropriação de outros procedimentos, objetos e matérias, que ampliam o modo de se conceber o Desenho. Desta forma, compreender o Desenho conforme nos aponta Coelho (2008) se amplia a investigação dos objetos e a representatividade imbuída na obra.

O desenho não deve ser reduzido nem a técnica, nem à ação de desenhar, ainda que ela seja o veículo imprescindível da materialização da ideia. Ou seja, os

materiais e procedimentos apenas orientam e predispõem a aparição de certas qualidades, tornando visíveis os problemas ou questões da obra. (COELHO, 2008, p.55).

Contudo, conforme Coelho (2008) o Desenho passa a ser então não mais ao único recurso de criação para ser um elemento ou meio de estabelecer relações entre as coisas com mundo externo e interno para a criação de um outro momento visual podendo utilizar diversas estratégias estéticas com uma gama gigante de recursos e materiais.

Uma dessas possibilidades de fruição estéticas que pode utilizar o Desenho como meio se localiza no campo das Artes das Fibras que utiliza dos recursos da plasticidade do material para construí-la várias possibilidades de objeto artístico.

O mundo das Fibras dá ao artista recursos de uma plasticidade múltipla de possibilidades. Dentro dessa forma de fruição artística, se encontram diversas técnicas executadas com os mais variados materiais, podendo se apresentar em fibras vegetais, animais, minerais e sintéticos, tais materiais dão a origem a tecelagem, bordados, trançados, dentre outros objetos de Arte. Entretanto como nos aponta Saturnino (2008), o trabalho com as fibras levou um tempo para ser considerada enquanto uma forma de Arte.

O conceito de arte, por um grande período, foi excludente com a tapeçaria, considerada arte menor, praticada por artesãos e com o intuito de ser mera peça de decoração. Somente no século XX passa a ocupar a posição de arte maior, junto às outras artes. Ser arte ou não ser sempre foi um tema polêmico para os intelectuais, transitando ente utilismo e idealismo. (SATURNINO, 2008, p.9).

Existe uma linha muito tênue em Artes das Fibras sobre as compilações do que se delimita enquanto Artesanato e o que é de fato Arte “A arte e o artesanato convivem no mesmo universo de intenções, mas se diferenciam pelas formas de apropriação da matéria e da cultura onde estão inseridos.” (SATURNINO, 2008, p.9). Dentro da artesanaria os aspectos técnicos e culturais estão entrelaçados, e o conhecimento é utilizado para transformar a matéria prima em um objeto, que tem uma utilidade a ele atribuída. Já no que diz respeito a Arte em si, são múltiplas as formas de concedê-la e defini-la, sendo inúmeras as tentativas de tal feito, porém a obra de Arte transcende ao seu conceito e qualquer forma de categorização. Desta forma, a Arte então vai surgir de um conhecimento que se apresenta enquanto intuição que remete a um sentido a ela atribuída.

O artista materializa suas ideias e sentidos, espalhando, negando, sublimando ou criando valores. A pesquisa, o conhecimento e o desejo são elementos condutores

para a sensibilidade e a evolução, o devaneio. Suas marcas se entrelaçam em um universo onde não se distingue o real do imaginário. Um mistério de magia engendra a obra. (SATURNINO, 2008, p.9).

Contudo Saturnino (2008), vai nos dizer que no Artesanato, a Arte Manual está ligada a um espaço de produção utilitário sendo o gesto humano a característica sobressalente da obra. Sendo assim, entre a Arte e o Artesanato, a utilização das fibras oferecem ao artista uma gama de materiais, sendo a aplicação destes o entrelaçamento possível de fruição estética e expressiva.

1.3 Arthur Bispo do Rosário uma Poética Singular

Miniaturas que permitem a minha transformação, isso tudo é material existente na terra dos homens. Minha missão é essa, conseguir isso que eu tenho, para no dia próximo eu representar a existência da Terra. É o significado da minha vida.

(BISPO)

A Arte enquanto expressão está presente no mundo desde os tempos primitivos e carrega em si uma atemporalidade embutida na obra. Os encontros do que consideramos loucura com a Arte data desde o final do século XVI como foi apontado nos capítulos iniciais deste trabalho. No entanto, esses encontros não são possíveis a todos, considerando o fato de que nem todo louco é artista e nem toda artista é louco. Entretanto, a Loucura e Arte ocupam um mesmo lugar no que diz respeito à expressão do particular do sujeito. É disso, que trataremos agora, mais especificamente da expressão de um sujeito singular e de sua produção.

Arthur Bispo do Rosário marinheiro, boxeador e paciente de uma instituição psiquiátrica por 50 anos nunca teve a pretensão de nomear-se artista. No entanto, produziu vasta obra visual, consideradas artísticas por diversos críticos de Arte no mundo. Bispo, filho de Claudio Bispo do Rosário e Blandina Francisca de Jesus, nasceu em 1909 na cidade de Japaratuba, Sergipe. (YAZIGI, 2003). Pouco se sabe sobre a origem de Bispo, visto que quando ele era questionado a respeito dizia: “um dia eu simplesmente apareci”. Na sua obra, teceu e bordou diversas alegorias que remetem aos festejos regionais de Japaratuba. Cada traje tinha sua beleza particular, em alguns remetia fardas e roupas típicas de marinheiros, outros lembravam os folclores da infância de Bispo. (CORRÊA, 2001).

Conforme Corrêa (2001) em dezembro de 1938, Bispo acreditou receber sete anjos que a meia-noite lhe deixaram na casa do advogado Leone, onde morava e trabalhava.

Logo depois, seguiu em direção a Igreja da Candelária para apresentar-se com a ideia fixa de ter nas costas uma cruz luminosa, anunciando que foi enviado para julgar os vivos e os mortos. No dia 24 de dezembro de 1938 ele é levado pelos monges ao hospício da Praia Vermelha onde permanece por um tempo. Denizart citado por Corrêa (2001) em seu Vídeo *O prisioneiro da passagem*, produzido na colônia Juliano Moreira, aponta que a partir dessa passagem Bispo acredita que é encarregado de reconstruir com suas próprias mãos o mundo. Tempos depois do acontecido, Bispo registra essa passagem em um dos seus estandartes.

Bispo hibernava naquele minúsculo quarto-forte de Jacarepaguá, assombrado por uma obsessão. Era um enviado de Deus, um cristo, quem sabe, mas antes de tudo um maestro empenhado em dirigir a reconstrução do mundo. Um universo de miniaturas, uma espécie de reedição da existência na Terra, conforme seus sentidos. Uma missão. E tudo num espaço onde ele mal conseguia esticar o corpo emagrecido pela alma inquieta. Era nessa fase de *transformação* e isolamento que a arte brotava das mãos endurecidas, talvez pelos excessos nos ringues do passado ou por uma artrite que evoluiria com o tempo. A arte de Bispo nascia embutida de sacrifício. Os dedos ligeiramente emperrados se lançavam numa impressionante técnica inventada pelo artesão. (DENIZART *apud* CORRÊA, 2001, p.18).

Assim a obra de Bispo tinha para ele o sentido de missão a qual ele dedica sua vida. No entanto, ele é considerado por muitos como um artista que esteve internado sob o rótulo da Loucura, sem se questionar nem compreender bem a dimensão da sua obra artística. Contudo, se um chamado delírio lhe serviu de impulso inicial, o cuidado que operou para a reconstrução desse mundo denota o saber único do artista e a expressão pura de sua singularidade. (CORRÊA, 2001).

Segundo Quinet (2006), a Arte é, frequentemente, associada com a psicose, principalmente nas Artes Plásticas ou *Arte virgem* como aponta Mário Pedrosa. Geralmente são obras produzidas em sua própria reclusão, sem receber influências artísticas externas da época. Contudo, com o seu bordado e “ajuntamento” de coisas Bispo tenta reproduzir tudo que conhecia do mundo e dentre suas obras se destaca o *Manto do Reconhecimento* (fig. 1), o qual ele pretendia vestir quando chegasse a hora de seu fatídico encontro com Deus.



Figura 1 - Manto do Reconhecimento

Fonte: MIRANDA (2013)

Outra obra curiosa é um de seus fardões, que apresentava em suas mangas bordadas as cores que ele chamava de *semblantes*. Assim ele acreditava que tinha um *semblante* especial, portanto, poucos poderiam reconhecê-lo como o próprio Jesus Cristo. Quando alguém se aproximava ele questionava “Qual a cor da minha aura”? Conforme a resposta ele decidia quem poderia entrar ou não em seu mundo.



Figura 2 - Foto do Bispo com o Manto do Reconhecimento

Fonte: MIRANDA (2013)

De acordo com Hidalgo, citado por Yazigi (2003), Arthur Bispo do Rosário tornou-se um artista considerado e renomado pelo mundo. As obras que ele construiu foram expostas em diversas amostras como a 46ª Bienal de arte de Veneza no ano de 1995 e rodou o mundo na exposição itinerante da comemoração dos quinhentos anos da descoberta do Brasil, a *Brasil +500*, sendo uma das principais atrações da mesma.

2 ARTE E LOUCURA: SEUS ENCONTROS, UMA PROPOSTA DE ENSINO DE ARTES VISUAIS

2.1 Passos da Loucura: Trajetória Para a Reforma Psiquiátrica

Para a compreensão desses novos espaços de Ensino de Arte (Oficinas de Ensino de Arte em dispositivos de Saúde Mental), onde a proposta de Ensino de Artes Visuais se efetivará, faremos uma breve introdução sobre a História da Loucura e os passos para a Reforma Psiquiátrica no Brasil, para localizarmos de onde surgiu a possibilidade de um espaço no contexto da Saúde Mental, permeado pela prática de Ensino de em Artes Visuais.

A etimologia do que hoje chamamos de Loucura, (algo que foge dos padrões relacionais estipulados socialmente) não é algo novo. Curiosamente, pode-se encontrar, segundo Frayze-Pereira (1994), manifestações da Loucura nas civilizações antigas como uma forma de inspiração dada pelos deuses. Assim, dentro da cultura grega, a palavra Loucura se equipara a palavra profecia estando ligada à arte divinatória - arte de prever eventos futuros. Em outras culturas primitivas, as manifestações da Loucura como a concebemos são atribuídas a manifestações divinas que são permitidas aos Xamãs (curandeiros das tribos). No entanto, tais fenômenos, à luz da Psiquiatria, são essencialmente distúrbios patológicos incontestáveis.

Pode-se considerar que a Loucura é recentemente definida como “doença mental” na civilização ocidental. Essa afirmativa é apresentada por Foucault em seu livro *História da Loucura: na idade clássica* (1972). A obra em questão foi publicada em sua primeira edição com o título *Histoire de la folie à l'Âge Classique*, em Paris, no ano de 1961 e é até hoje referência no campo da Filosofia e Saúde Mental. Para Foucault (1972), a Loucura é assim considerada um problema médico incontestável na sociedade ocidental, já que a civilização recebeu essa conotação em determinado tempo histórico. Desta forma, propõe a apresentação das aparições da figura do louco a partir de uma arqueologia das manifestações sociais da Loucura em diversos tempos e contextos. Essa proposição é uma proposta de desconstrução do lugar de doença mental e de exclusão social que por séculos é dado ao louco. Pode-se, portanto, dizer que é uma tentativa de desmistificar a Loucura. Neste sentido, Frayze-Pereira (1994), no livro *O que é loucura*, afirma.

Foucault não se deixa guiar pelo que se sabe contemporaneamente da loucura. Muito próxima da abordagem etnológica essa reflexão renuncia ao conforto das verdades terminais, isto é, aos conceitos psicopatológicos elaborados pela nossa cultura, pois o papel organizador desses conceitos seria o de deformar as realidades históricas visadas. E, com efeito, o que é originário no processo de constituição da loucura não

é a Psiquiatria (tornada possível justamente a partir dela, isto é, a *posteriori*), mas o ato que criou a distância entre a razão e aquilo que a nega como tal, isto é, a não-razão. (FRAYZE-PEREIRA, 1994, p.46).

Soler (2012), no artigo *Uma releitura antropológica estrutural da história da loucura de Michel Foucault*, ressalta que Foucault considera as diferentes concepções do saber, pois sempre se tem uma escolha sendo que nada é por si só uma verdade absoluta. Assim, toda verdade pode ser questionada para a construção de uma nova e é na contingência desse novo saber que surge a possibilidade de desenhar um novo caminho. É a partir do lugar de um “não saber” sobre a Loucura que ele investiga sua “aparição”.

No final do século XVI, sabedoria e Loucura se aproximavam e se comunicavam entre si. Uma das grandes vias de encontro e de expressão dessa proximidade encontrava-se nas artes, na pintura, na literatura e no teatro, que no final do século “vai desenvolver sua verdade”, ser ilusão: “algo que a loucura é em sentido estrito” (FRAYZE-PEREIRA 1994, p.59). Contudo, no período das grandes interações, a Loucura é impedida de circular livremente e de se comunicar, passando então a ocupar um outro lugar.

Logo, podemos compreender que a História da Loucura nos revela que apesar da longa vivência de exclusão, o louco ainda é colocado nesse lugar à margem da sociedade. Conforme Birman (1992) nos aponta, o que está em questão nesses modelos de tratamento não é a patologia ou a doença, mas sim a asfixia da singularidade e de sua expressão, hora feita no discurso, hora fisicamente por constrição. Assim, as práticas de tratamento da Loucura durante muito tempo estiveram atreladas a um amordaçamento do louco, feito por via medicamentos/lobotomias/eletrochoques e ou discursos. Era uma tentativa de silenciar a fala louca para garantir a ordem pública.

No Brasil, os fatos não foram diferentes. A visão higienista nos convoca à mesma lógica de exclusão e de “tratamento moral”, que passa pelas mesmas práticas, antes consideradas terapêuticas. Com o passar do tempo, surgem críticas ferrenhas contra esses métodos de exclusão, incitando um novo movimento, a Reforma Psiquiátrica.

Iniciada na França por Basaglia em 1970, o movimento chega ao Brasil no final dos anos 70 e até hoje, continua reivindicando a reinserção social e tratamento mais humanizado para os portadores de sofrimento mental. É a partir dos questionamentos do discurso da exclusão da Loucura que se baseia o movimento da Reforma Psiquiátrica no Brasil, e que surgem a proposta de inserção da Arte neste contexto conforme verificamos a seguir.

2.2 Novos dispositivos de Saúde Mental Pós-reforma Psiquiátrica

Segundo relatório do Ministério da Saúde, acerca da Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental de (2005), foi em 1992 que surgiram as primeiras experiências de CAPS - Centro de Atenção Psicossocial e NAPS - Núcleo de Atenção Psicossocial na cidade de São Paulo. Mas é somente em 2001, após a promulgação da lei federal 10.216 e durante a III Conferência Nacional de Saúde Mental, que ficou legitimada as diretrizes que iriam subsidiar a Reforma Psiquiátrica enquanto política governamental. Assim, determina-se aos CAPS a concepção de um modelo estratégico que abarque a criação de uma política de saúde mental e assistência aos usuários do serviço. (BRASIL, 2005).

Lobosque (2001) afirma também que os serviços substitutivos (vide quadro 1) não funcionam de forma isolada, eles devem ser articulados como uma rede que ofereça alternativas concretas de substituição ao hospital psiquiátrico.

Nesse contexto, o Ministério da Saúde incentiva à criação de novos serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico e fiscaliza a redução de leitos nestes hospitais. Neste período foi criado o programa “De Volta pra Casa”, que garante o benefício do retorno ao convívio familiar aos indivíduos que passaram por um período longo de internação, além de programas voltados aos dependentes de álcool e drogas. (BRASIL, 2005).

Segundo Heidrich (2007), os serviços substitutivos que vem operando como dispositivos pós-reforma são os Centros de Assistência Psicossocial CAPS I, II e III, CAPS i e CAPS ad, (CERSAM), as Residências Terapêuticas, o Programa De volta pra Casa e o programa de Inclusão para o Trabalho, Centros de Convivência e Cultura e o trabalho junto com o serviço de Atenção Primária. (QUADRO 01).

Quadro 1: Principais Serviços Substitutivos:

Centro de Convivência e Cultura	Considerado inovador por se tratar de um espaço totalmente direcionado ao desenvolvimento e inclusão de cultura, lazer, socialização e integração na cidade. Tal dispositivo faz parte da rede de atenção em saúde mental. Apesar de se tratar de medida do Ministério da Saúde, este espaço é livre de médicos, medicamentos e terapias.
Programa de Inclusão pelo Trabalho	O objetivo do projeto é a inclusão de pacientes egressos de internações psiquiátricas e transtornos decorrentes de álcool e drogas no mercado de trabalho. A economia solidária baseia-se na criação de cooperativas, associações e grupos de trabalho que geram renda aos participantes e incentivam a criação autonomia e inclusão social. Geralmente esses grupos são formados dentro de outros serviços de Saúde Mental como nos CAPS e Centro de Convivência e Cultura.

Programa de Volta Pra Casa	O programa oferece auxílio reabilitação no processo de desinstitucionalização. O auxílio constitui em uma bolsa mensal para pacientes egressos de um longo período de internação, esse período deve ser igual ou maior que dois anos. O auxílio visa dar assistência a esses pacientes que por um longo período estiveram afastados do convívio social até que o mesmo se restabeleça e possa se sustentar. O paciente que recebe o auxílio também é assistido pelos demais programas da rede saúde como o CAPS do seu município por onde ele irá transitar em uma articulação dos serviços para que esse paciente seja incluído na sociedade.
Residências Terapêuticas	As residências terapêuticas são casas comuns, localizadas em espaços urbanos que foram criadas para acolher pacientes egressos de internações longas, portadores de sofrimento mental grave que não possuem laços familiares. Essas casas devem receber no máximo oito moradores sendo que é designado um funcionário para secretariá-los nos cuidados domésticos. O objetivo dessas residências é que esta seja capaz de abarcar as necessidades dignas de moradia, devendo sempre respeitar a singularidade de cada morador. As residências terapêuticas devem ter um CAPS como referência para os moradores e ser articulada com as demais redes do município para que esses moradores transitem por essa rede.
Centros de Atendimento Psicossocial / NAPS- Núcleo de Atenção Psicossocial/CERSAM	Os CAPS são serviços abertos, têm como objetivo a promoção de saúde e reabilitação psicossocial com um programa terapêutico que inclua acompanhamento clínico, que proporcione o fortalecimento dos laços com os familiares e a comunidade, que integre lazer, cultura, trabalho e acesso aos seus direitos. São realizados atendimentos individuais, em grupo, que inclui a realização de oficinas terapêuticas e visitas domiciliares. Os serviços dos CAPS são territoriais e divididos tamanho de população.
	CAPS I atende a cidades com população entre 20.000 e 50.000 habitante. Acolhem pacientes com transtornos mentais e pacientes que fazem uso de álcool e drogas, realizam atendimentos diários.
	CAPS II atende municípios com mais de 50.000 habitantes com atendimentos diários.
	CAPS III são os das grandes cidades, com população acima de 200.00 habitantes, este é preparado para fazer acolhimento de pernoite.
	O CAPS i é especializado para receber crianças e adolescentes portadores de sofrimento mental, assim como as outras modalidades dos CAPS seguem os mesmos objetivos como inclusão social e fortalecimento dos laços, promoção de lazer, cultura e direitos de cidadão. Porém, esse trabalho é realizado de forma voltada para a idade de seus usuários que são crianças e adolescentes.
CAPS ad é especializado para receber usuários que fazem uso de drogas e ou álcool. Segue a mesma linha dos demais CAPS, que é o de inclusão social, fortalecimento dos laços além de um trabalho para desintoxicação. “A lógica que sustenta tal planejamento deve ser a da Redução de Danos, em uma ampla perspectiva de práticas voltadas para minimizar as consequências globais de uso de álcool e drogas”.	

Fontes: TENÓRIO, 2002; BRASIL, 2004; BRASIL, 2005; HEIDRICH, 2007.

Com o surgimento dos novos serviços substitutivos surgem também novas possibilidades de acolhida e acompanhamento destes indivíduos. Como suporte e direção de trabalho dentro desses serviços substitutivos, surgem as oficinas terapêuticas de várias modalidades. Com base nos objetivos dessa pesquisa, dar-se-á mais atenção às oficinas de Ensino de Artes promovidas dentro desses serviços.

2.3 CAPS-I – Centro de Atenção Psicossocial Sá Biquinha Oliveira Minas Gerais

Conforme informações fornecidas pela Terapeuta Ocupacional responsável pelas oficinas de Arte, o CAPS I – Centro de Atenção Psicossocial Sá Biquinha é localizado em Oliveira Minas Gerais faz parte desta nova construção de novos paradigmas. Sendo ele, um CAPS I atende a cidades com população entre 20.000 e 50.000 habitantes, acolhendo pacientes portadores de sofrimento mental. Esta instituição conta com uma equipe multidisciplinar sendo 1 Enfermeiro, 2 Técnicos de Enfermagem, 3 Psicólogos, 1 Psiquiatra, 1 Terapeuta Ocupacional, 2 Auxiliares de Serviços Gerias, 1 Auxiliar Administrativo e uma Secretária.

O CAPS-I Sá Biquinha funciona de segunda a sexta das 07:00 às 17:00 hora da tarde e desenvolve além dos atendimentos especializados, oficinas de Arte, Bordado, Pintura em Tecido, Costura, e Música.

2.4 Oficina de Bordado

De acordo com a Terapeuta Ocupacional responsável pelas oficinas do CAPS-I – Centro de Atenção Psicossocial de Oliveira, a Oficina de Bordado surgiu através da demanda espontânea do grupo de querer produzir objetos utilizando linhas, visto que o material estava disponível e algumas pessoas do grupo já possuíam habilidades para o Bordado. No decorrer, foi tomando novos formatos introduzindo o uso das fibras para a produção de outras formas de Arte.

O grupo de usuários que participam desta oficina tem a faixa etária entre 21 e 55 anos, homens e mulheres, sendo no total 15 pessoas, que já são frequentes nas oficinas. Além disso, fazem tratamento em permanência-dia, nas segundas e sextas feiras, dias em que ocorrem as oficinas de Bordado e Música, recebem alimentação, medicação dentre outros atendimentos.

Dentro da oficina de Ensino de Bordado, dentro do que pode ser observado, existem outras possibilidades de trabalho com as fibras, alguns usuários desenvolvem a produção de objetos de Arte que carregam em si uma simbologia dada pelo produtor da obra, estabelecendo ainda que minimamente e de forma singular, relações conceituais para tal criação.

2.5 Oficina de Bordado Uma Intervenção de Produção de Estandarte Tendo Como Estimulo a Obra de Arthur Bispo do Rosário

Plano de Aula

1º Encontro: Desenho Livre como base para o bordado.

Objetivo: Promover o primeiro contato com a experiência de desenhar e de se expressar utilizando o desenho como base para a produção de outros trabalhos.

Material: Papel A4, Lápis para desenho (HB ou outros disponíveis no mercado) e borracha macia, gravuras de desenhos de artistas que trabalham com desenho.

Metodologia: Roda de conversa, e direcionamento para a efetivação da experiência com o ato de desenhar, utilizando a poética das imagens das obras de Arthur Bispo do Rosário como um estímulo de fruição artística.

Descrição: Em um primeiro momento, a Arte educadora promoveu breve conversação sobre o que é o desenho dentro do contexto do Ensino de Artes Visuais, e sua importância enquanto base para a expressão e para a construção de outros trabalhos. Em seguida, por intermédio de imagens ilustrou a aula apresentando algumas obras de Arthur Bispo do Rosário, que utiliza o desenho como base para a produção de seus bordados. O terceiro momento, através da oferta dos materiais, foi o momento de direcionar os participantes para que desenhassem a partir dos estímulos, desenhos livres como objetivo de proporcionar uma experiência com essa forma de expressão. No quarto momento e encerramento, propôs-se que a abertura de uma Roda de Conversa mediada pela Arte educadora, para que os participantes discutissem sobre seus desenhos, sugerindo que dissessem ao que eles os remetem, e como foi para eles essa primeira experiência.

Bordados do Arthur Bispo do Rosário



Figura 3 - Estandarte bordado

Fonte: MIRANDA (2013)

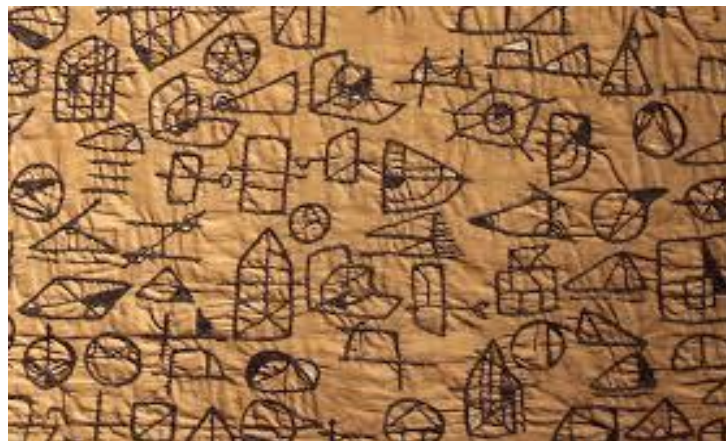


Figura 4 - Detalhes/bordado

Fonte: MIRANDA (2013)

2º Encontro: Uma intervenção na oficina de bordado / Estimulo visual imagens de bordados do Arthur Bispo do Rosário.

Objetivo: Trabalhar o bordado e outros trabalhos com as fibras, tendo a perspectiva do Desenho como base, estimulando a criação e fruição artística inspiradas no bordado de Arthur Bispo do Rosário (fig 3 e 4).

Material: Pano base para bordado podendo ser de qualquer material, linhas, de diversas cores e espessuras, agulhas de tamanhos, equivalentes às linhas, tesouras, fitilhos de materiais e cores variados, retalhos, botões e tintas coloridas se necessário.

Metodologia: Roda de conversa e direcionamento para a efetivação da experiência com o ato de bordar ou outras construções com as fibras e confeccionar um estandarte ou demais peças, utilizando a poética das imagens das obras de Arthur Bispo do Rosário como um estímulo de fruição artística.

Descrição: Inicialmente a facilitadora de Arte, promoveu breve conversação sobre como são as experiências que eles tem dentro da Oficina de Bordado, como é o envolvimento de cada um nesta prática, que tipo de trabalho eles já desenvolvem. Em seguida, por intermédio de imagens ilustrou este encontro apresentando algumas obras de Arthur Bispo do Rosário, que utiliza o desenho como base para a produção de seus bordados, por exemplo, também iniciou uma introdução do que é um estandarte, apresentando imagens aleatórias de estandartes e falou um pouco mais sobre a proposta de confeccionarmos juntos este objeto. Em um terceiro momento, foi disponibilizado o material necessário para efetivação dos trabalhos e posterior sob breves orientações sobre como iniciar, a Arte educadora pôde propor aos participantes da oficina que utilizassem a imaginação para criar com os demais materiais os desenhos que desejavam incluir na composição de seus estandartes.

Estandartes de Arthur Bispo do Rosário

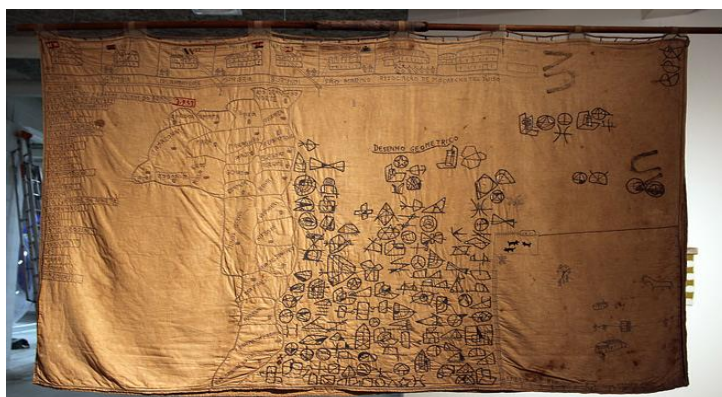


Figura 5 - Estandarte Arthur Bispo do Rosário

Fonte: MIRANDA (2013)



Figura 6 - Estandarte Arthur Bispo do Rosário

Fonte: MIRANDA (2013)



Figura 7 - Estandarte Arthur Bispo do Rosário

Fonte: MIRANDA (2013)



Figura 8 - Estandarte Arthur Bispo do Rosário/ detalhes do bordado

Fonte: MIRANDA (2013)



Figura 9 - Estandarte Arthur Bispo do Rosário/detalhes do bordado

Fonte: MIRANDA (2013)

3º Encontro: (Continuação) Uma intervenção na Oficina de Bordado / Estimulo visual bordados de Arthur Bispo do Rosário

Objetivo: Trabalhar o bordado tendo a perspectiva do desenho como base, estimulando a criação e fruição artística inspiradas no bordado de Arthur Bispo do Rosário.

Material: Pano base para bordado podendo ser de qualquer material, linhas de diversas cores e espessuras, agulhas de tamanhos equivalentes às linhas, tesouras, fitilhos de materiais e cores variados, retalhos, botões e tintas coloridas se necessário.

Metodologia: Roda de conversa, e direcionamento para a efetivação da experiência com o ato de bordar e confeccionar um estandarte ou demais peças, utilizando a poética das imagens das obras de Arthur Bispo do Rosário como um estímulo de fruição artística.

Descrição: (Continuação da prática)

4º Encontro: (Continuação) Uma intervenção na Oficina de Bordado / Estimulo visual bordados de Arthur Bispo do Rosário

Objetivo: Trabalhar o bordado tendo a perspectiva do desenho como base, estimulando a criação e fruição artística inspiradas no bordado de Arthur Bispo do Rosário.

Material: Pano base para bordado podendo ser de qualquer material, linhas de diversas cores e espessuras, agulhas de tamanhos equivalentes às linhas, tesouras, fitilhos de materiais e cores variados, retalhos, botões e tintas coloridas se necessário.

Metodologia: Roda de conversa, e direcionamento para a efetivação da experiência com o ato de bordar e confeccionar um estandarte e demais peças, utilizando a poética das imagens das obras de Arthur Bispo do Rosário como um estímulo a fruição artística.

Descrição: Neste quarto encontro, pretendeu-se a finalização dos trabalhos, dando atenção aos acabamentos e a fruição da proposta inicial. Sendo assim, a facilitadora de Arte pôde propor que se abra uma Roda de Conversa mediada pela Arte-educadora, para que os participantes discutissem e refletissem sobre a prática que haviam realizado expondo seus trabalhos, sugerindo que dissessem ao que eles se os remetem e como foi para eles essa experiência, sugerindo também a discussão do que fazer com aquele objeto de Arte, neste momento pôde chegar a ideias sobre como utilizá-lo, se poderíamos propor uma exposição de tais objetos ou demais ideias. Entende-se que esse foi um momento crucial de amarração da prática proposta, demandando assim mais tempo. É importante ressaltar também que a dinâmica do grupo ditou a movimentação da prática em si, e os caminhos onde ela “navegou”, sendo o momento de amarrações essencial para finalização da proposta de oficina.

A proposta de intervenção dentro da Oficina de Bordado foi a de tentar introduzir a partir de planos de aulas pré-elaborados, o Ensino do Desenho como meio e base

para o trabalho com as fibras. Para tanto, utiliza-se como artista inspirador Arthur Bispo do Rosário e a poética de seus bordados como apontamos, anteriormente, neste trabalho.

3 AMARRAÇÕES E COSTURAS FINAIS/ RELATO SOBRE UMA EXPERIÊNCIA VIVÊNCIAL SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO DE ARTES VISUAIS

Como foi apresentado anteriormente, este trabalho discorreu sobre uma proposta de intervenção dentro de uma Oficina de Bordado que acontece no CAPS- Centro de Atenção Psicossocial no município de Oliveira Minas Gerais, para usuários de diversas faixas etárias e em diversos níveis de escolaridade e limitações.

Como metodologia, utilizou-se a Abordagem Triangular, dividindo as aulas em 5 momentos ou encontros. Desta forma, o processo decorreu em um primeiro, trazendo a proposta de trabalhar o desenho e sua contextualização, mais especificamente o que concerne o desenho como meio ou base para a produção de outra proposta estética. Posteriormente, em um segundo momento, o desenho foi trabalhado a partir do estímulo visual de imagens de estandartes bordados por Arthur Bispo do Rosário, pontuando a perspectiva da utilização do desenho como ponto inicial para obra final, sugerindo a utilização desta técnica para projetar os trabalhos que viriam a ser bordados dentro da oficina. No terceiro momento, ainda com a utilização de imagens de obras do Bispo e contextualizando o bordado foi proposta a produção a partir dos esboços ou desenhos utilizando os materiais disponíveis, como: Agulhas de tamanhos diferentes, linhas de cores e tamanhos diferentes, tecidos de linho e fibra plástica para bordado, botões, miçangas fitilhos, tesouras e outros adereços. É interessante que a produção possa ser estendida por mais um quarto encontro pelo menos, para que fosse possibilitada maior apreensão da proposta e para desenvolvimento estético das peças construídas. Contudo, como quinto encontro e finalização dos trabalhos retomou-se os trabalhos e ao caminho percorrido até ali, pensando no processo de cada uma na representação conceitual ou representativa que os usuários conseguem estabelecer entre a obra final e seus significados e pretensões.

Conforme já explicitado a proposta de aulas de Ensino de Artes Visuais, se desenvolveu sob a ótica do trabalho com as Artes da Fibra dando maior ênfase no bordado, utilizando também o desenho como base para introdução da atividade realizada. Cabe ressaltar que esta intervenção teve como influencia ou inspiração, o artista Arthur Bispo do

Rosário e sua vasta produção na poética do bordado como relação conceitual entre o sujeito criador e o objeto de arte.

A “costura” destes aspectos propositalmente, se dispôs de material assim como as fibras de flexibilidade necessária visto que o público alvo, por sua diferença de faixa etária, capacidade de entendimento e níveis de escolaridade variados, demandaram da Arte Educadora com maior nível de maleabilidade na condução das atividades. Para tanto, utilizou-se da metodologia da Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa que nos propõe o tripé que direciona a prática em momentos cruciais sendo: contextualizar, apreciar e praticar, existindo certa abertura na orientação cronológica de tais momentos.

Como citado no plano das aulas ou encontros de ensino, o desenho como base foi utilizado como um dispositivo inicial de contextualização do trabalho que se entrelaçou a proposta de construção estética utilizando a Artes da Fibra como meio de fruição da produção da obra. Neste momento a partir das provocações pictóricas das obras do artista Arthur Bispo do Rosário, focalizadas nos aspectos do desenho, os participantes puderam ao mesmo tempo apreciar tais imagens, bem como também, a partir de breve explanação, terem uma visão contextual do que se tratava o desenho como base para a produção para outras obras, e posteriormente, entraram em contato com o pensar sobre o desenho e o fazer estético do desenho como meio.

No que se refere à fruição neste primeiro momento, pode ser observado que na proposta de produção a maioria dos participantes estiveram engajados, e ainda que minimamente devido a limitações, conseguiram de fato abstrair a proposta em si, visto que os temas dos desenhos estavam permeados por intenções de produções futuras, e por temas também inspirados no artista referencial da prática sugerida, como pode ser observado nos desenhos a seguir:

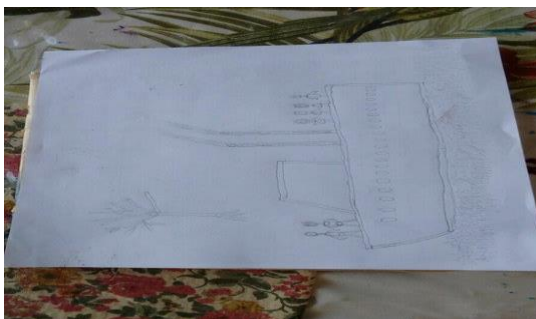


Figura 10 - Desenho produzido da oficina

Fonte: Acervo da Aluna

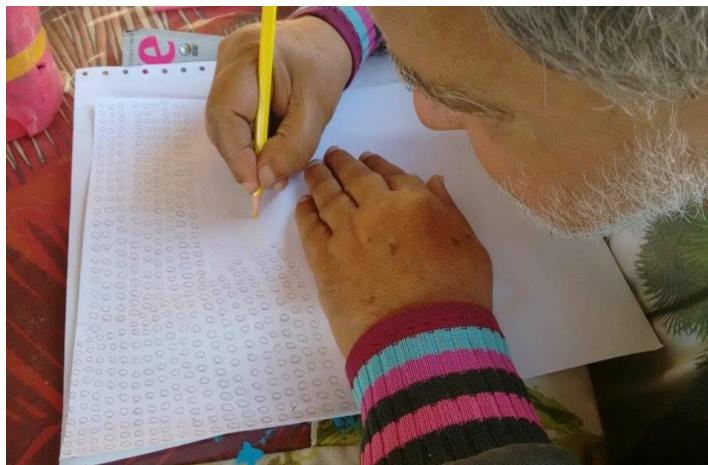


Figura 11 - Desenho em Produção

Em alguns momentos, foi notado que os participantes dialogavam sobre aspectos da obra de Arthur Bispo do Rosário, como por exemplo, notando que ele desenhava muitos barcos e nomes de pessoas, fazendo ligações dessa produção com o fato do artista ter sido marinheiro, demonstrando que conseguiram absorver aspectos da contextualização da obra de Bispo e de sua vida.

Alguns participantes da oficina tiveram certa dificuldade com a fruição do desenho como meio, demandando da Arte-educadora maior atenção e cuidado com a forma de passar as orientações para a realização da proposta e maior disponibilidade para auxiliá-los em determinados momentos. Dentre estas dificuldades pode ser destacada a dificuldade motora que alguns participantes manifestaram, e a dificuldade de entendimento da proposta inicial.

O segundo momento consistiu em transmitir aos participantes via imagens, a poética do artista Arthur Bispo do Rosário, foram eleitas as obras que tinham o traço do bordado e do desenho, intencionalmente selecionadas pela Arte-educadora. Para tanto foi utilizado um notebook para reprodução das obras, favorecendo a visualização dos participantes do universo da construção artística de Bispo. Neste momento, observou-se que os participantes da oficina demonstravam interesse em observar as imagens, e questionavam sobre os bordados cheios de detalhes e sobre a forma “desorganizada” que bispo dispunha os desenhos, com desenhos e formas misturadas.



Figura 12 - Apresentação de imagens

Posterior apresentação de imagens foi proposto aos participantes da Oficina de Bordado, a confecção de um estandarte utilizando as fibras de lã de diversas espessuras e cores, sendo elas trabalhadas em superfícies próprias para o bordado. Muitos participantes optaram por reproduzir o desenho produzido anteriormente, outros decidiram criar outras possibilidades de desenhos com os materiais disponíveis, chegando até a construir objetos que se diferiram do bordado em si, e que demonstravam forte influência das obras do artista Arthur Bispo do Rosário que forma apresentada pela Arte-educadora.

No momento de produção da oficina, foi identificado que determinado participante, pensando na temática de Bispo e no seu fascínio por barcos, começou a reproduzir, utilizando palitos de picolé e papelão, um barco que segundo ele representava o que ele tinha entendido da proposta da oficina e da Arte de Arthur Bispo do Rosário. Em outras palavras, segundo o participante esse trabalho já é realizado por ele, diz que a temática das embarcações está muito presente em sua vida, e pensou nessa produção como um ponto de identificação com o artista, e uma forma de sentir sua produção valorizada, visto que percebeu que a arte pode ser uma coisa simples, é a expressão da criatividade de uma pessoa. Sendo assim, pode-se considerar que a proposta pode ser compreendida de diversas formas, de acordo com a capacidade de entendimento e as identificações próprias de cada participante.



Figura 13 - Produção de barco com palitos de picolé



Figura 14 - Produção de Barco com palitos de picolé

A utilização das fibras como meio de construção de novas possibilidades estéticas é uma das características que a matéria prima dá as intenções de criação. Aspectos como cor, espessura, base para o bordado, foram escolhidos por muitos participantes de forma cuidadosa, se preocupando com o que desejavam produzir e quais estratégias utilizariam para chegar aos seus propósitos. No entanto, alguns participantes do grupo fizeram a escolha de uma produção norteadada pela criação livre, não seguindo técnicas nem padrões específicos, e sim se guiando por intenções particulares, utilizando de materiais diversos, misturados com as fibras. Porém cabe ressaltar, que mesmo escolhendo novas formas de produção, ainda sim, mantiveram a proposta da influência das imagens das obras do Bispo como podemos observar.



Figura 15 - Barco

A prática de Ensino de Artes Visuais realizada dentro do CAPS-I Centro de Atenção Psicossocial Sá Biquinha possibilitou vislumbrar as inúmeras possibilidades de realização de um ensino que aproxime o saber técnico da capacidade da Arte-educadora de se reinventar constantemente, transitando entre aquilo que se quer transmitir e ensinar e as estratégias possíveis para se realizar seu objetivo da melhor forma possível. As limitações físicas, intelectuais, emocionais deste grupo é um aspecto de extrema importância e demandou da mesma um planejamento cuidadoso das atividades se um olhar atento aos detalhes e particularidades de cada um.

O momento final das aulas foi essencial para amarração do que foi a proposta e de como os participantes passaram por esse processo. Nesta parte das aulas, pôde-se discutir questões como, o entendimento de cada um sobre aquela vivência, o que tinham aprendido, e quais referências estavam levando daquele momento de aprendizado. Conforme os participantes a intervenção de Ensino de Artes Visuais, possibilitou uma reflexão sobre o fazer artístico, a história de determinado objeto e a intenção de Arte ou não daquele determinado objeto. Sendo assim, ao que parece, a proposta de Ensino de Artes visuais dentro de uma Oficina de Bordado possibilitou ainda que minimamente para algumas pessoas uma reflexão sobre a produção de Arte ou só a produção que era vivenciada todos os dias naquela oficina.

Contudo, como foi apontado nos capítulos iniciais deste trabalho, o discurso sobre a Loucura aprisionou os que escapavam aos padrões sociais durante um longo período. Porém, ainda assim, existe a necessidade de se encontrar lugares possíveis para o acolhimento

da manifestação da diferença. Nesse sentido, o trabalho com o Ensino de Artes visuais no contexto dos serviços substitutivos do SUS, através das oficinas, se apresenta enquanto um trabalho possível, extrema importância e em constante arquitetura de novas formas de se ensinar Arte.

De acordo com Thomazoni e Fonseca (2011) a Arte é considerada como uma manifestação existencial política e artística, e existe nela um ponto extremamente importante: só a Arte tenta restituir a força de intenção do evento, ou seja, ela retoma a dimensão sensível do que é um encontro ou revolta, guerra, motim, é, portanto, uma libertação do ser.

Conforme Thomazoni e Fonseca (2011) se concebermos que, no contexto da Arte, questões de normalidade e anormalidade perdem importância, concordando que “a possibilidade de criação acompanha o ser humano” (THOMAZONI; FONSECA, 2011, p.617).

Poderíamos pensar, então, que ao se desenvolver atividades de cunho artístico com pessoas portadoras de sofrimento psíquico, nossas atitudes podem visar à constituição de uma prática e um olhar que acolha a diferença. Atividade de criação feita sem cobranças ou expectativas, para operar nos sujeitos como recriação de si, reinvenção de mundos em direção à abertura de novas possibilidades, de outros modos de existência. Espécie de acolhimento para uma arte que é em alguma medida bruta, em alguma medida marginal, mas que, na possibilidade de sua expressão, implica na circulação de intensidades. É como se, nesse instante ínfimo em que os prisioneiros da passagem, os alienados com todas suas dificuldades e limitações, ultrapassassem a si mesmos. E nessa duração, a desrazão por um momento viesse dar lugar a uma possibilidade de produção de obra. Uma duração na qual o corpo pudesse abrir-se para os devires, tornar-se passagem de forças que o levam a potência de criação e de vida. (THOMAZONI; FONSECA, 2011, p.618).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo pode-se ponderar que o Ensino de Artes Visuais e suas metodologias surge como uma das possibilidades de ver, fazer e contextualizar pertinentes também ao universo da Loucura, sendo a Arte anterior a qualquer definição ou delimitação de público alvo. Concomitante a isso, através desta prática de ensino pode ser observado que a estruturação e planejamento dos conteúdos de forma programática, se apresenta enquanto um fazer essencial para o ensino de determinado conteúdo. Além disso, a consideração de aspectos que dizem a respeito ao grupo ao qual se pretende trabalhar, tais como, idade, grau de instrução, limitações físicas e intelectuais graves ou moderadas, dentre outras, se demonstram como questões essenciais para êxito da prática de ensino.

O trabalho desenvolvido com usuários do CAPS-I – Centro de Atenção Psicossocial dentro de uma Oficina de Bordado demonstrou que existem possibilidades de fruição estética quando realizada uma condução estruturada de Ensino de Artes Visuais que costure a experiência prática com contextualização e apreciação da obra, como foi feito nos planos de aula tendo como artista norteador Arthur Bispo do Rosário.

Entretanto, percebe-se que existe um limiar a ser ultrapassado no que se refere à construção desta prática estruturada de Arte-educação nos demais ambientes fora do ensino formal, os desafios perpassam por questões históricas, institucionais e conceituais. Desta forma se faz de extrema importância à capacitação constante do Arte-educador e o exercício de se pensar o ensino e pensar sobre o ensino, de forma a consolidar de fato uma proposta concisa de intervenção no cotidiano.

Os caminhos a serem trilhados e as amarrações a serem tecidas no campo da atuação do profissional Arte-educador fora do Ensino Formal são desafiadores e transitam entre a estruturação concreta de metodologias de Ensino, que de fato alcancem os objetivos esperados, e a efetivação a nível prático de uma Arte-educação que atinja aos mais variados grupos sem distinções. No entanto percebe-se que ainda há uma necessidade de se capacitar profissionais para esta atuação, bem como também, trabalhar na militância para o alcance de novos espaços de Ensino de Arte Visuais. Neste sentido as pesquisas são de extrema importância para nortear as reflexões sobre a consolidação do papel do Arte-educador na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel. **O livro das ignorâncias**. 11 ed. Rio de Janeiro: Records, 2004.
- BIRMAN, Joel. A cidadania tresloucada. In: BEZERRA JÚNIOR, Benilton; AMARANTE, Paulo. *Psiquiatria sem hospício: contribuições ao estudo da reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992. P. 69-90.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. In: Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio15_anos_caracas.pdf. Acesso em: 08 set. 2015.
- CORRÊA, Maria Clara Queiroz. **Arthur Bispo do Rosário – Biografia Clínica**. Disponível em: <http://www.abpbrasil.org.br/medicos/publicacoes/revista/arquivos/03Artigo%20Original%20-%203%20Bispo.pdf>. Acesso em: 16 out. 2015.
- FRAYZE-PEREIRA, João A. “A arte e Loucura no Museu: Uma Poética Singular”. In:
- FERNANDES, Maria Inês Assunção; SCARCELLI, Ianni Régia; COSTA, Eliane Silvia (Org.) **Fim de Século: ainda manicômios?** Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, SP, 1999.
- FRAYZE-PEREIRA, João A. **O que é loucura?** São Paulo: Abril Cultura/Brasiliense, 1985, 108 p.
- FOUCAULT, Michel. **Historia da Loucura: na Idade Clássica**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- HEIDRICH, Andréa Valente. Reforma psiquiátrica à brasileira: análise sob a perspectiva da desinstitucionalização. – Porto Alegre: PUC-RS, 2007. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/21/TDE-2008-03-10T075453Z1049/Publico/398635.pdf. Acesso em: 7 set. 2015.
- LOBOSQUE, Ana Marta. *Experiências da Loucura*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- SOLER, Adriano Martins. Uma Releitura Antropológica Estrutural da História da Loucura de Michel Foucault. *Periódico de Divulgação Científica da FALS*, ano 6, n. 14, dezembro 2012. Disponível em: http://www.fals.com.br/revela15/artigo2_14.pdf. Acesso em: 08 set. de 2015.
- PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008, Cap. 3, p 32-43.
- QUINET, Antonio. **Teoria e Clínica da Psicose**. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

THOMAZONI, Andresa Ribeiro; FONSECA, Tania Mara Galli Encontros possíveis entre arte, loucura e criação. **Mental**, v.9, n.17, p.605-620, dezembro 2011.

YAZIGI, Latife. **As Obras De Arthur Bispo Do Rosário**: Ensaio Fenomenológico. Disponível em: http://ciec.org.br/Artigos/Revista_5/latife.pdf. Acesso em: 16 out. 2015.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

AMARANTE, Paulo. Asilos, Alienados e Alienistas: Pequena historia da Psiquiatria no Brasil. In: AMARANTE, Paulo. (Org.). **Psiquiatria social e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

AMARANTE, Paulo. **Loucos pela via: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

AMARANTE, Paulo. **Psiquiatria sem hospício**: contribuições ao estudo da reforma psiquiátrica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992. p. 69-90.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Saúde Mental e Atenção Básica** : O Vínculo e o Diálogo Necessários. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2003. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. > Acesso em: 09 set. 2015.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde mental no SUS**: os centros de atenção psicossocial. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <http://www.4shared.com/get/cswWcRhR/Livro_-_Sade_Mental_no_SUS_-_O.html>. Acesso em: 09 set. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. In: **Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas**. OPAS. Brasília, novembro de 2005. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/relatorio15_anos_caracas.pdf >. Acesso em: 25 ago. 2015.

BRASIL. Lei no 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2001. Disponível em: válida. Acesso em: 15 set. 2015.

BRASIL. Secretária de Saúde de Minas Gerais. **Linha guia em saúde mental**: atenção em saúde mental: saúde em casa. Belo Horizonte: [s.n.], 2006.

CASTRO, Eliane Dias de; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. **Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira**. . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832007000200017&script=sci_arttext>.. Acesso em: 16 out. 2015.

GALASTRI, Luciana. ‘Hotel Da Loucura’ Recebe Hóspede Dentro De Hospital Psiquiátrico. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI339460-17770,00-HOTEL+DA+LOUCURA+RECEBE+HOSPEDES+DENTRO+DE+HOSPITAL+PSIQUIATRICO.html>. Acesso em: 16 out. de 2015.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. **Arte, clínica e loucura: um território em mutação**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702007000300003>. Acesso em: 16 out. 2015.

LOBOSQUE, Ana Marta. **Experiências da Loucura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
MELO, Walter. Maceió é uma cidade mítica: o mito da origem em Nise da Silveira. **Revista Psicologia USP**, São Paulo, v. 18, n. 1, p.101-124, mar. 2007. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ pusp/v18n1/v18n1a06.pdf>>. Acesso em:17 out. 2015.

RIBEIRO, Sérgio Luiz. A criação do Centro de Atenção Psicossocial Espaço Vivo. **Psicologia, ciência e profissão**, v.24, n.3, p.92-99, setembro 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v24n3/v24n3a12.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2015.

ROTELLI Franco. **Desinstitucionalização, uma outra via: a reforma psiquiátrica italiana no contexto da Europa Ocidental e dos "Países Avançados"**. In: ROTELLI, Franco; LEONARDIS O de; Mauri; D RISIO C.(Org.) **Desinstitucionalização**. São Paulo: Hucitec; 1990. p. 17-59.

SABOYA, Yasmine. **Universidade Popular de Arte e Ciência. Programa Sala de Convidados**. Youtube, 2012. Disponível em:<<http://www.youtube.com/watch?v=3-wQva9jrpQ>>. Acesso em: 17 out. de 2015.

POROROCA FILMES. **Hotel da Loucura**. 16 de julho de 2013. Youtube. Disponível em: <<http://upac.com.br/#/upac>> Acesso em: 17 out. 2015.

NORTE COMUM. **Sobre o Hotel da Loucura e suas Necessidades**. Vimeo. 20 de Setembro de 2013. Disponível em:<http://vimeo.com/74904016#comment_9987936>. Acesso em: 17 out. 2015.